### As Metamorfoses no Universo Laboral e seus Reflexos na Atividade Artesanal

Katyuscia Karla Mendes Arouche[[1]](#footnote-1)

**Resumo**

Este artigo apresenta uma análise sobre o trabalho artesanal diante dos diferentes modos de gestão, o taylorismo, o fordismo e o toyotismo, próprios do capitalismo. Por meio de uma pesquisa bibliográfica a discussão expõe conceitos centrais que envolve temas como a constituição histórica do trabalho artesanal, bem como alguns dos seus aspectos conceituais, ressalta também as principais implicações das metamorfoses no artesanato em frente o modo de produção capitalista. A pesquisa infere significativas consequências na produção artesanal, como: não participação do artesão durante todas as etapas da produção do produto, clara cisão entre o saber e o fazer artensal, precarização e intensificação desse trabalho e alterações no produto final.

**Palavras-chave:** Trabalho Artesanal. Taylorismo, Fordismo. Toyotismo

**Introdução**

Estudos não se esgotam em conhecer e explorar a categoria trabalho. O interesse por esse conhecimento intensifica-se à medida que o trabalho, ao longo da história, apresenta uma série de transformações que refletem sua evolução e seu lugar de centralidade ocupado na sociedade.

De forma categórica, Marx (2013, p. 211) diz que “antes de tudo, o trabalho é um processo de que participa o homem e a natureza, processo em que o ser humano, com sua própria ação, impulsiona, regula e controla seu intercâmbio material com a natureza”. Em continuidade, Marx afirma que o trabalho enseja uma transformação mútua tanto de ordem externa como de ordem interna, pois à medida que o homem transforma a natureza pelo seu trabalho modifica a si mesmo.

Permite-se pensar também o trabalho como uma atividade desenvolvida pelo homem sob diferentes modos, que produz os bens necessários à sua sobrevivência e riquezas, subordinado a determinadas formas sociais historicamente limitadas as correspondentes organizações técnicas, o que caracteriza o chamado modo de produção (OLIVEIRA, 2006).

Considerando essa indissociabilidade homem e trabalho bem como a própria história, entoa nessa relação um debate sobre o modo de produção artesanal. Nos estudos que reportam ao surgimento do artesanato no mundo é preeminente o discurso da indissociabilidade da prática artesanal à origem do trabalho humano. Nesse mesmo afã, o presente artigo concentra-se no trabalho artesanal, que com o seu modo peculiar de realizar o seu trabalho implica no artesão uma forma específica de produzir.

A fim de alcançar essa compreensão, o objetivo proposto neste artigo consiste em analisar as configurações atribuídas ao trabalho artensal a partir dos diferentes modos de gestão taylorismo, fordismo e toyotismo, intrínseca ao capitalismo. Será adotada a pesquisa bibliográfica por meio da revisão da literatura relacionada aos temas centrais como: trabalho artensal e capitalismo, com base em registro disponível decorrente de contribuições científicas já realizadas de outros autores, encontrado em livros, artigos, teses, etc. (SEVERINO ,2016).

Para consecução do objetivo aqui estabelecido após a introdução apresenta-se um sucinto histórico da constituição trabalho artesanal, como também algumas especificidades conceituais desse trabalho. Posteriormente, a pesquisa busca explorar as metamorfoses no universo laboral abrangendo o modo de produção capitalista e suas formas de gestão, Taylorismo, Fordismo e Toyotismo e as principais implicações no âmbito da atividade artesanal. Nas considerações finais, enfatizam-se as principais consequências dessas transformações produtivas no trabalho artensal e a necessidade de novas discussões que tratam da importância em refletir sobre o artesão à luz dessas transformações no plano do trabalho.

**Trabalho Artesanal**

O diálogo sobre o trabalho artesanal inevitavelmente remete a uma dimensão temporal, onde sua presença refere-se tanto ao passado como ao presente, tal assertiva fica claro na reflexão pronunciadas por Davel, Cavedon e Fischer (2012, p.13) : “Tecida com os fios de experiência do passado e com fios de esperança para o futuro, essa construção seduz teóricos e praticante de diversas áreas pelos diversos princípios que o fazer artesanal pressupõe.”

Envolvida e encantada por essas experiências a presente pesquisa parte do pressuposto que ao compreender o artesanato em sua forma mais embrionária é olhar também para o passado imerso em infinitas e ricas vivências sem se desprender do presente.

Com um olhar atento aos estudos que reportam ao surgimento do artesanato no mundo é preeminente o discurso da indissociabilidade desse trabalho à origem do trabalho humano. Esse argumento justifica-se pelo fato do trabalho artesanal configurar-se como a primeira forma que o homem encontrou para transformar manualmente a natureza ao seu redor, construindo artefatos para subsidiar suas atividades cotidianas sob a pretensão de suprir suas necessidades de alimentação, proteção e até mesmo de expressão (FREITAS, 2017; MATSUSAKI, 2016; RORIZ, 2010).

Do pondo de vista antropológico, os registros históricos apontam que os primeiros artesãos apareceram ainda no período Neolítico ( 6.000 a.c), instante em que o homem aprendeu confeccionar de forma rudimentar instrumentos que facilitariam o atendimento de suas necessidades, assim, esse mesmo homem passa a dar forma à pedra e à cerâmica, a tecer fibras animais e vegetais (RODHEN *et al*., 2017).

Em consonância, Lima (2011, p.3) referencia que durante milênios, o artesanato foi o único modo que de tinha de fazer objetos, e se pensarmos na quantidade de objetos produzidos manualmente, percebemos que é uma coisa impressionante e incalculável, pois acompanha o tempo da própria humanidade Posto isso, compreende-se que a constituição do trabalho artesanal ao se confundir com a própria história da humanidade se caracteriza como um trabalho eminentemente milenar.

No transcorrer da história a atividade artesanal apresentou um notável avanço, precisamente na Idade Média no cenário europeu a partir da concentração da população em conglomerados urbanos, “onde os artesãos mais especializados e altamente qualificados foram atraídos pela demanda por luxos criados pela acumulação de riqueza”.

Uma consequência frequente foi o surgimento de associações qualificadas, em guildas e organizações similares” (HESKET, 2005, p.14, tradução nossa). De forma mais complexa o artesão passa se organizar nessas guildas denominadas também de corporações de ofícios ou corporação artesanal, comportando em seus espaços pessoas que realizassem uma mesma atividade[[2]](#footnote-2).Essas corporações primavam além da reunião dos trabalhadores de um mesmo ofício, garantir o controle de qualidade dos produtos, coibir as falsificações[[3]](#footnote-3), regular os valores das matérias primas empregadas e dos pagamentos aferidos aos artesãos e assegurar a associação compulsória desses artesãos a fim de exercer seu trabalho (MATSUSAKI, 2016).

O trabalho artesanal perpassou ainda por diversos progressos, sobre isso, Demerval Saviani (1998, p.2) em comentário na parte introdutória da obra *Nostalgia do Mestre Artesão*, discorre conclusivamente, afirmando que o artesanato transita do “sistema familiar”, caracterizado pela confecção dos instrumentos rudimentares necessários à subsistência suprida através do trabalho agrícola, para o “sistema das corporações”, neste passa a suprir as necessidades de um especifico público, conhecido também na figura de mercado, os habitantes urbanos. O autor ainda comenta que decorrente ao crescimento do mercado tem-se a incidência de um “sistema doméstico”, onde os mestres-artesãos passam a depender de alguém que lhe forneça a matéria-prima, transformando-os em tarefeiros assalariados. Assim, com o “aprofundamento desse processo conduz à implantação do “sistema fabril” que implica em um mercado cada vez mais amplo e instável”, alterando em proporções maiores a independência do artesão.

O impacto do sistema fabril resultou em uma maior instabilidade na atividade artesanal, ensejando em contundentes críticas no que toca a qualidade das peças confeccionadas e a exploração do artesão. Como importante representante desse debate tem-se John Ruskin, grande crítico de arte inglês: [[4]](#footnote-4)

“Enquanto existiram as corporações de ofícios para garantir um padrão constante de habilitação do artesão, o nível da produção se manteve estável em todas as áreas; porém com o anseio do sistema industrial de produzir mais barato, tinham-se generalizado processos de fabricação que empregavam, além das máquinas, apenas operários sem habilitação alguma” (CARDOSO, 2004 , p. 69).

Compartilhando dessa mesma perspectiva crítica, o escritor e design William Morris idealiza o movimento *Art and Crafts* (Artes e Ofícios) entre o final do século XIX e início do século XX na Grã-Bretanha, sob a veemente intensão de revitalizar os valores produtivos tradicionais advogados por Ruskin, remetendo as ideias de alto grau de acabamento artesanal, profundo conhecimento de ofício e no uso restrito das máquinas dentro dos seus limites máximos em termos de qualidade e não de quantidade ou velocidade (CARDOSO, 2004).

Com atenção ao Brasil esse movimento não apresentou tanto impacto, Cardoso (2004, p.74) caracteriza “o país ainda distante na época das preocupações que ocasionaram as críticas ao industrialismo[...], as ideias do *Art and Crafts* tiveram pouco ou nenhum impacto”. Entender esse moroso interesse pela atividade artesanal no âmbito brasileiro é abordar simultaneamente no bojo dessa discussão os entraves da expansão artesanal e industrial no período colonial.

Mediante uma acentuada expansão da produção industrial no decorrer do século XX irrompe impetuosas ameaças acerca do desaparecimento progressivo da produção artesanal de bens (MELLO, 2016). Contanto, sob a constância da promoção de possibilidades para disseminação e fortalecimento das questões que contornam a atividade artensal não só no Brasil, é notório destacar o marco mundial do artesanato, o Congresso Internacional da cidade de Roma Itália transcorrido em 1930 que reuniu 14 países europeus no intuito de debater a importância da problemática do trabalho artesanal, já reconhecida desde a Primeira Guerra Mundial . Tal movimento proporcionou diversos acontecimentos que afirmaram esse interesse, representado pela formação de simpósios, reuniões e instituições sobre o artesanato (PEREIRA 1979 apud RORIZ 2010).

Em 1964 foi instituído o *World Crafts Council* [[5]](#footnote-5)(WWC-Conselho Mundial de Artesanato) que teve como principal motivação promover a reunião de artesãos e organizações de todo mundo com um propósito de compartilhar os valores do artesanato em âmbito mundial.

Já no Brasil, o artesanato passa galgar espaços com maior notoriedade a partir de 1975, onde a realidade vivida pelas atividades artesanais passa ser percebida como incapaz de competir com a produção industrial. Essa percepção foi discutida de forma sistemática no Primeiro Encontro Nacional de Artesanato (I ENA) em 1975 na cidade de Brasília, promovido pelo Ministério do Trabalho através da Secretaria de Mão-de-Obra.

O exemplo contemporâneo de países altamente industrializados desmentes teses dos que previam a extinção natural do artesanato pelo crescimento dos processos industriais de fabricação em série. O artesanato não só cresceu paralelamente a indústria, como sua preservação passou a ser preocupação permanente de estadistas e administradores. A conservação das atividades artesanais não é mais considerada como nas últimas décadas do Século XIX, uma tentativa romântica de reação ao domínio das maquinas e sim como um empreendimento altamente econômico (MINISTÉRIO DO TRABALHO-EMBRATUR, 1975, p.9).

Como reflexo de uma ação mais interventiva diante do desnivelamento da realidade da atividade artesanal é instituído em 1977 por meio do Decreto número 80.098, de 8 de agosto de 1977, o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato (PNDA) sob supervisão do Ministério do Trabalho com intenção de coordenar as iniciativas que visem à promoção do artesão e a produção e comercialização do artesanato brasileiro (BRASIL,1977).

Dentre os diversos eventos que sucederam a formalização do PNDA destaca-se a criação do Programa do Artesanato Brasileiro (PAB) por meio Decreto de 21 de março de 1991 cuja finalidade incluía “coordenar e desenvolver atividades que visem valorizar o artesão brasileiro, elevando o seu nível cultural, profissional, social e econômico, bem como desenvolver o artesanato e a empresa artesanal”(BRASIL,1991). Considerando as múltiplas atribuições do PAB tem-se a elaboração dos principais conceitos que balizam o artesanato brasileiro, mediante a portaria nº 29 de 05 de março de 2010, cuja atualização versa na Portaria nº 1.007 de 11 de junho de 2018. Institucionalmente, o capítulo III, art. 8 da portaria supracitada define:

Artesão é toda pessoa física que, de forma individual ou coletiva, faz uso de uma ou mais técnicas no exercício de um oficio predominantemente manual, por meio do domínio integral de processo e tecnas, transformando matéria-prima em produto acabado que expresse identidade culturais brasileiras.

Ainda no inciso 5 do art. 8 caracteriza aquele que não se tipifica como artesão:

§5º Não é artesão aquele que:

I- Trabalha de forma industrial, com predomínio da máquina e da divisão, do trabalho e assalariado e da produção em série industrial

II-Somente realiza um trabalho manual, sem transformação da matéria-prima e fundamentalmente sem desenho próprio, sem qualidade na produção e no acabamento

III- Realiza somente uma parte do processo, desconhecendo o restante.

Em continuidade, no capítulo IV, art. 19 designa normativamente que o artesanato consiste em toda produção resultante da transformação de matérias-primas em estado natural ou manufaturado, através do emprego de técnicas de produção artesanal, que expresse criatividade, identidade cultural, habilidade e qualidade. Fica estabelecido ainda no inciso 7 que durante a dinâmica da produção artesanal mesmo que as obras sejam criadas com instrumentos e máquinas, a destreza manual do homem é que dará ao objeto uma característica própria e criativa, refletindo a personalidade do artesão e a relação deste com o contexto sociocultural no qual se insere.

As consolidações da Base Conceitual do Artesanato, visto como um resultado dos avanços que o Artesanato tem apresentado em seu percurso, sob um rol taxativo de conceitos provêm de um debate de imprecisão conceitual que circunda as pautas teóricas acerca do trabalho artesanal. Considera-se nessa descrição do trabalho artesanal a cautela em apresentar as alteridades que permeiam seus conceitos, isto é, aquilo que é de fato tipificado como artesanato e o que não se classifica como tal. Desse modo, nota-se um intuito em preservar as características primordiais do trabalho artesanal durante todo o seu processo de produção sob uma dimensão de ordem técnica e cultural.

**O Trabalho Artesanal e sua relação com o Fordismo, Taylorismo e Toyotismo**

O trabalho artesanal a partir das suas determinações históricas desponta um olhar sobre as implicações que moldam toda a sua estrutura produtiva, refletir sobre isso revela a importância da produção artesanal além de seu aspecto simbólico que engloba os valores tradicional/cultural, o econômico, referindo ao seu valor comercial e atuação no mercado.

Sob a dualidade dessa importância, principalmente no que diz respeito à atuação econômica, Freitas (2017) acentua que o setor artesanal tem sido alvo de avaliações e reestruturações no tocante ao processo produtivo, ao produto e ao mercado, trazendo à tona a necessidade de uma revisão nos processos de trabalho, nas técnicas e materiais utilizados para a confecção, também nas características das peças criadas e a aquisição de conhecimentos, práticas técnicas e de gestão aos quais o artesão não precisava estar atento anteriormente.

A fim de compreender essas transformações no âmbito da produção artensal, inicialmente é necessário entender como se dava a dinâmica dessa produção na formação da história da humanidade. Sobre isso Huberman (2012, p.62) descreve:

A família precisava de móveis? Não se recorria ao carpinteiro para fazê-los, nem eram comprados numa loja da Rua do Comércio. Nada disso. A própria família do camponês derrubava a madeira, limpava-a, trabalhava-a até ter os móveis de que necessitava. Precisavam de roupa? Os membros da família tosquiavam, fiavam, teciam e costuravam — eles mesmos. A indústria se fazia em casa, e o propósito da produção era simplesmente o de satisfazer as necessidades domésticas.

Conforme retrata o autor o artesanato voltava-se para uma forma singular de produção dentro de um ambiente predominantemente doméstico, inclinado para satisfazer as necessidades de casa sem qualquer pretensão ainda de abastecer um mercado de consumo, com concentração de todas as etapas de produção na maioria das vezes em uma única pessoa.

A partir de um lugar que permite dominar a totalidade do processo de produção por parte do artesão, este passa “atribuir vida às suas potencialidades, conhecia seus segredos e emocionava-se com suas surpresas, agora não mais dirigida pelo olhar e vontade de outro, mas sim a partir da sua vontade” (BATISTA, 2014, p.215). Diante desse domínio e possibilidades de realização humana no trabalho aos artesãos eram atribuídos a condição de sujeitos da própria história, o que constitui características singulares no seu processo de trabalho, a exemplo, Batista (2014) comenta : a apropriação dos artesãos quanto aos instrumentos de trabalho, matéria prima, lucro, conhecimento; divisão técnica e social do trabalho no âmbito dos ofícios sob responsabilidade dos mestres artesãos, com um desenvolvimento de uma atividade sem ameaça de divisão entre o pensar e fazer do artesão.

Entretanto com a decadência do sistema feudal e a expansão das práticas comerciais, o artesanato começa ser alvo de novas configurações. No limiar do modo de produção capitalista o trabalhador artesão, antes, detentor de suas ferramentas começa a fazer uso coletivo das mesmas com outros artesãos, tal procedimento refere-se a forma organizacional cooperação simples, onde trabalhadores reunidos em um espaço comum buscam atender uma produção em larga escala, em menor tempo, com menores custos e maiores resultados econômicos. Desponta uma diferente forma do artesão usar suas ferramentas até aspectos mais estruturais, como a pormenorização de todo processo produtivo artesanal, trazendo à tona uma ameaça a individualidade na produção artesanal. Assim, aquela “autonomia para dizer o que, como e para quem produzir foi ceifada em suas raízes” (BATISTA, 2014, p.218).

Posteriormente, a produção fundamentada nos pilares desse cooperativismo dar lugar a manufatura, neste modelo de produção ainda baseado na habilidade manual das atividades soma-se a nítida divisão do trabalho. Marx (2013, p.407) acentua que essa divisão manufatureira “pressupõe a concentração dos meios de produção nas mãos de um capitalista que de forma supervisionada obtém o controle na totalidade do processo artesanal”. Para esse processo produtivo, Marx (2013, p.388) atenta a maneira como o artesão realiza seu trabalho, assim descreve: “As operações são destacadas, uma das outras, isoladas, justapostas no espaço, cada uma delas confiada a um artífice diferente de todas executadas ao mesmo tempo pelos trabalhadores cooperantes”.

Observa-se que o trabalhador artesão deixa de ser proprietário não só de suas ferramentas utilizadas para produzir seus objetos artesanais, mas da sua liberdade em como fazer o seu trabalho, restando sob sua propriedade apenas sua força de trabalho que se transforma em uma mercadoria assalariada livre.

Com o advento da Revolução Industrial a máquina revela-se como principal instrumento de trabalho, revolucionando expressivamente as formas de produção até então vigentes. Os efeitos dessa mecanização no cerne da produção artensal são explicados por Marx (2013, p.305):

Muitas ferramentas põem em evidencia de maneira bem contrastante a diferença entre o homem na função de simples força motriz e o homem como trabalhador que exerce seu ofício manual. Na roda de fiar, por exemplo, o pé age apenas como força motriz, enquanto a mão executa a operação de fiar completamente dita (...). A revolução industrial apodera-se primeiro desta segunda parte da ferramenta e deixa para o ser humano, no começo, a função puramente mecânica de força motriz, ao lado do novo trabalho de vigiar a máquina e corrigir com a mão os seus erros (...).

Compreende-se que ao trabalhador artesão são retirados o domínio e a criatividade e incluídas as funções limitadas de operacionar e vigiar máquinas. Sobre essa discussão Sennet (2009, p.97) questiona: “seria ela uma ferramenta amistosa ou um inimigo substituindo o trabalho da mão humana?”. Tentativas de respostas podem ser encontradas sob as formas como o homem a partir do seu contexto tem delineado seus modos de produção, principalmente a partir desta Revolução, remetendo ao controle, intensificação, apropriação do saber e exploração do fazer artesanal.

Nesse instante, destaca-se também a ação de uma lógica de produção em larga escala, onde “novos mercados consumidores surgem, e vislumbrando atingi-los, mais incentivos foram criados e implementados para a modernização das antigas oficinas artesanais, o que acabou no fortalecimento ainda mais efetivo da revolução industrial” (CARVALHO, 2016, p.30).

Todavia, nota-se que a produção artesanal apresenta dissonâncias em relação às exigências da lógica produtiva do capitalismo, tais como : habilidades e técnicas relacionadas apenas a um indivíduo, produção em baixa escala, custos altos dos produtos, domínio do artesão sobre todas as etapas de produção, uso de ferramentas e máquinas como apenas um auxílio, gesto humano como fator determinante do ritmo produtivo e ausência da divisão entre trabalho mental e braçal (LAURENTINA,2016; LIMA, 2009; MILLS, 2009).

No afã de atender um mercado maior e a ação impulsionadora das máquinas, novos modelos de gestão são desenhados, a saber, o *taylorismo, o fordismo e o toyotismo*, no bojo da produção capitalista. As atuações e influências no modo de produção artesanal resultam como o centro das discussões abordadas nesta pesquisa, no entanto, vale frisar que as reflexões aqui levantadas sobre cada uma dessas formas gerenciais não se detêm em explanar suas peculiaridades, mas sim em destacar os principais fatores que atribuíram novas configurações à produção artensal.

O Taylorismo surge em finais do século XIX através das ideias de Frederick Taylor ensejando na Organização Científica do Trabalho (OCT) que consolida seus esforços na sistematização do processo de trabalho por intermédios dos mecanismos disciplinares, de controle e de hierarquia.

Santos (2015) ao discorrer sobre esses mecanismos explica que a disciplina se refere à subordinação à gerência por meio do cumprimento de normas e regulamentos internos, quanto ao controle; destaca o ritmo do trabalho e produtividade; já a hierarquia consiste na clara dissociação ente planejamento e execução. No que toca esse último aspecto e em referência a produção artesanal, Marx e Engels (1975, p.483) descrevem:

A separação entre as forças intelectuais do processo de produção e o trabalho manual e a transformação delas em poderes de domínio do capital sobre o trabalho se tornam uma realidade consumada [...]. A habilidade especializada e restrita do trabalhador individual, despojado, que lida com a máquina, desaparece como uma quantidade infinitesimal diante da ciência, das imensas forças naturais e da massa de trabalho social, incorporadas ao sistema de máquinas e formando com ele o poder do patrão.

Consoante ao exposto, as particularidades da atividade artesanal são reconfiguradas em detrimento das transformações preponderantes do sistema de produção capitalista, a inserção das máquinas reflete na clara cisão do trabalho intelectual do trabalho manual. Essa dissociação provoca uma contundente modificação na “relação interna entre o artesão e a coisa que ele faz, desde a imagem que primeira forma dela até sua conclusão (MILLS, 2009, p.59). Sobre a importância desse elo, Mills (2009, p.60) chama atenção ainda para o que é realmente necessário na compreensão do artesanato como trabalho, o vínculo entre o produto e produtor, “se o produtor não possui legalmente o produto, deve possui-lo psicologicamente, no sentido de saber do que ele é feito no que diz respeito a habilidade, suor e materiais”, isso significa a autonomia, completude e satisfação encontrada pelo artesão no processo do trabalho artesanal.

Sob essa mesma perceptiva de controle e racionalização do trabalho, Henry Ford apresenta o fordismo cuja principal característica é o parcelamento das tarefas com ênfase na produção em série, padronização e produção em massa, com esforços concentrados inicialmente para o setor automobilístico.

Ainda no domínio do fordismo, nota-se que o surgimento da indústria automobilística foi demarcado pelas oficinas artesanais, as quais produziam automóveis personalizados conforme os detalhes exigidos pelo cliente, os componentes de cada produto eram fabricados isoladamente sem padrões fixos de medida, sendo assim realizado pelos artesãos em duas em duas peças até que o encaixe do veículo fosse completo (DETREGIACHI FILHO et.al., 2017).

Mesmo diante de uma lógica fabril cada montador desenvolvia habilidades artesanais, resultando em um “tempo enorme, ritmo de trabalho ditado pelos artesãos, consequentemente a produção era lenta e o veículo custava caro. Porém, essas habilidades artesanais eram vistas por Ford como problemas a serem superados, pois o mercado exigia repostas em termos de alta produção, lucratividade e em um tempo mais rápido. Diante disso, passa a apresentar em sua proposta à redução de custos por meio de um mesmo sistema de medidas em todo processo de fabricação, isso contribuía para um trabalho fragmentado, simplificado e repetitivo (JORGE, 2011).

A fragmentação máxima do trabalho ocasionou a limitação extrema da atividade, impondo que o trabalhador não precisaria mais ser um artesão especializado, isto é, emancipa-se sua intervenção criativa e a dominação de todo processo produtivo, pois cada qual é fixado em um mesmo ponto da produção o tempo inteiro (PINTO, 2007).

Essa padronização perseguida pelo fordismo entoa no campo dos diálogos sobre as interferências no processo de criação do trabalho artesanal, a respeito disso, Lima (2005, p.4) afirma que “o artesanato não é o produto de máquina”, tratando da manualidade e irregularidade que caracterizam o objeto artesanal como perfeitamente irregular e estabelece um contraponto com o ritmo de produção padronizado e em grande escala, em especial aos objetos industrializados.

O artesão passa a gerar um produto que lhe é externo, deixa de conceber, deixa de ser dono integral de seu processo de trabalho, transforma em mera mão de obra que executa os riscos dos “cérebros pensantes” [[6]](#footnote-6)que, estes si, vistos como indivíduos altamente criativos, seriam detentores do saber e do bom gosto, e terminam por ser os indivíduos laureados nesse processo (LIMA,2005,p.7).

A solidificação do taylorismo-fordismo abre caminhos para o declínio da produção artesanal, no que toca principalmente o seu valor cultural. A respeito, Keller (2014) declara as complicações dessas formas gerenciais na contemporaneidade do trabalho artesanal, como a precarização além de suas diversas maneiras de produção se caracterizar como modos de subsistência social e de resistência cultural.

A substituição do cronômetro e a produção em série e de massa por uma produção mais flexível adequada à lógica do mercado ocasiona o Toyotismo, esse modelo de gestão advém da fábrica Toyota no Japão apresentando como características básicas: produção vinculada à demanda, heterogeneidade, trabalho operário em equipe com multivariedade de funções e o princípio do *just in time*.

Constata-se encontros e desencontros do Toyotismo com a produção artesanal em diversos aspectos, de um lado passa a contar como a agregação no mesmo posto de trabalho máquinas de distintas finalidades, permitindo concentrar no mesmo local diferentes funções de trabalho, antes limitadas a departamentos diferentes no espaço da fábrica pelo sistema taylorista/ fordista. A intenção era que os trabalhadores adquirissem o conhecimento, executassem e passassem a se responsabilizar por várias fases do processo produtivo total, ensejando o desenvolvimento de múltiplas capacidades; apresentando mais autonomia e a participação da classe trabalhadora, num denominado trabalho “artesanal” (PINTO, 2007). Por outro lado, essa autonomia é questionada, pois o trabalhador não tem acesso à elaboração do produto, apenas a sua fabricação, podendo interferir somente nas maneiras de se produzir e não em sua concepção propriamente.

Jorge (2011) aponta que o Toyotismo ao preconizar a multivariedade de funções atribuído a um só trabalhador, denominado de polivalente, passa a desenvolver diversas habilidades conceituais e práticas, participa de várias etapas do processo produtivo, nesse aspecto guarda semelhanças com a produção artensal. Apesar da polivalência desse trabalhador que viabiliza a participação no processo de trabalho como todo, Carvalho (2015,p.36) afirma que o Toyotismo “não empodera o trabalhador , mas sim “o coloca como uma ferramenta de produção qualificada, “maquiando “sob novas formas e políticas de gestão trabalhistas, o intuito de que esse trabalhador se torne uma “maquina humana de executar múltiplas tarefas””.

Na certeza que os debates sobre essas novas configurações encontradas na produção artensal entre diferentes contextos são amplos, alternando em seu percurso teórico retrocessos e progressos, cabe aqui evidenciar importantes posicionamento encontrados pelos estudiosos contemporâneos acerca dessa temática.

Assim, Herman (2017) acentua que o artesanato perde seu caráter utilitário, ou seja, de subsistência, ficando no esquecimento em detrimentos dos produtos industrializados. A autora reforça que atualmente o artesanato necessita atender a uma demanda mercadológica, modificando o seu modo tradicional de fazer; o que direciona esse tipo de trabalho para uma dimensão conturbada e confusa, pois para ser valorizado precisa ser tradicional, entretanto precisa ao mesmo tempo se adequar para poder resistir e responder os anseios do mercado.

Em contrapartida, Freitas (2016) afirma de forma mais otimista que mesmo diante das intensificações produtivas, no cerne da produção artesanal ainda predomina um sistema produtivo rudimentar. No entanto, ao almejar atender as oportunidades oferecidas pela abertura do mercado e a espontaneidade produtiva pode transformar-se num sistema precário, de intensificação do trabalho, resultando em um prejuízo na qualidade final do produto e, principalmente nas condições de trabalho do artesão.

**Considerações Finais**

Diante do objetivo geral desta pesquisa analisar as configurações atribuídas ao trabalho artensal a partir dos diferentes modos de gestão taylorismo, fordismo e toyotismo, próprias do capitalismo, foi realizada uma revisão de literatura com o propósito de apresentar inicialmente o trabalho artesanal no que toca seus aspectos históricos e também conceituais, onde estes tramitam das pautas normativas da Base Conceitual do Artesanato. No que toca ainda esses aspectos pode ser apontado uma limitação do trabalho, pois não buscou uma exploração de inúmeras questões conceituais referidas.

A partir disso entendeu-se que o trabalho artesanal se mostra presente no cotidiano do homem desde épocas mais remotas, apresentando-se como um veículo importante na promoção do desenvolvimento econômico e principalmente, social, alavancada a capacidade do indivíduo exercer o seu saber-fazer de forma rudimentar, criativa e autônoma. Compreendeu-se também que a atividade realizada pelo artesão é, ou deve ser eminentemente dotada de um domínio integral de todo processo de produção, abrangendo a concepção e execução do produto.

Com maior atenção, o estudo permeou entre as discussões acerca do trabalho artensal frente as mudanças propostas e impostas pelo modo de produção capitalista. Conforme visto, discute-se a respeito dos mecanismos utilizados pelo modo de produção capitalista e suas interferências no modo do saber e fazer artesanal. A apropriação e o aperfeiçoamento dos instrumentos utilizados na produção artesanal provocam uma preocupação por parte dos teóricos quanto a utilização desses meios, onde é perceptível um esforço em demonstrar que o uso dos instrumentos na produção não deve ser tratado como substituição dessa manualidade aplicada pelo artesão, mas sim como um auxílio a fim de não interferir nas características principais do artesanato.

Outro ponto percebido são as formas de gestões aplicadas pelo capitalismo destacadas neste trabalho, onde a busca pelo controle, disciplina, produção em série despontam uma nova dinâmica do trabalho artesanal refletida em uma dispersão da autonomia do artesão quanto ao seu domínio do processo produtivo. Impõe-se uma diferente regulação do fazer artesanal que implica até mesmo no tempo de trabalho do artesão, sobre esse ponto Freitas (2016) acentua que tal questão influencia até mesmo nas tarefas junto à sua família e à comunidade, sendo fundamental para formação desse artesão, bem como sua percepção e linguagem de expressão refletidas no seu produto.

Em vista disso é indispensável questionar o que ainda persiste das suas características tradicionais? Mesmo que seja exaustivo as possíveis repostas para essa indagação, é certo que todas essas transformações apresentam incertezas ao trabalho do artesão, ao pôr em risco a concepção e execução da atividade artesanal, a participação e apropriação em todas as etapas desse processo produtivo diante das imposições do modo de produção capitalista e de suas variadas formas de gestão.

Mesmo diante de uma expansão que viabilizem a notoriedade e a comercialização dos produtos artesanais proporcionada pelo capitalismo é substancial ponderar as consequências desse desenvolvimento do trabalho artesanal, que não ocorre de forma neutra em relação à forma singular de produzir e principalmente no protagonista desse saber fazer, o artesão, que diante da veemência dessas transformações, sujeita-se, muitas das vezes, a uma urgência de adequabilidade em prol de sobrevier e competir nos diversos mercados que atenta atender.

**Referências**

BATISTA, Alfredo*.* Processos de trabalho: da manufatura à maquinaria moderna*.* **Serv. Soc. Soc**., São Paulo, n. 118, p. 209-238, abr./jun.,2014*.*

BRASIL, **Decreto de 21 de março de 1991**. Institui o Programa do Artesanato Brasileiro e dá outras providências, Brasília, DF, 1991. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil\_03/dnn/anterior\_a\_2000/1991/Dnn63.htm. Acesso em: 30.nov.2018.

BRASIL, Decreto nº 80.098, de 8 de ago. de 1977. Institui o Programa Nacional de Desenvolvimento do Artesanato e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p.10289, 09 ago.1977. Disponível em: https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1970-1979/decreto-80098-8-agosto-1977-429071-publicacaooriginal-1-pe.html. Acesso em: 30. nov.2018.

CARDOSO, Rafael. **Uma introdução a história do design**. 2.ed. São Paulo: Blucher, 2004.

CARVALHO,D.S. **Atividade artesanal e o processo de significação.** 2016. Dissertação (Mestrado em Psicologia) -Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal: 2016.

DAVEL, E; CAVEDON, N.R; FISCHER, T.A vitalidade artesanal da gestão contemporânea. **Rev. Interdisciplinar de Gestão Social**. v.1, n.3, p. 13-21, set/dez., 2012.

DETREGIACHI FILHO et.al**.** Análise do Sistema Toyota em uma indústria de embalagens plásticas da região de Marília-SP. **R. Gest. Indust.**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 1-23, jan./mar.,2017.

FREITAS, Ana Luiza Cerqueira. **Design e artesanato**: uma experiência de inserção da metodologia de projeto de produto. São Paulo: Blucher Acadêmico, 2017.

HERMAN. M.B. **Reflexões sobre o trabalho e a cidadania das artesãs de Jaguarão/RS**. 2017.Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Especialização em Direitos Humano e Cidadania) - Universidade Federal do Pampa. Campus Jaguarão: 2017.

HESKET, John. **Design:** a very short introduction. United States : Oxford University Press,2005.

HUBERMAN, L. **História da riqueza do homem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

JORGE, H.R. **Terceirizar, flexibilizar, precarizar:** um estudo crítico sobre a

terceirização do trabalho. 2011.Dissertação (Mestrado em Sociologia) -Universidade Estadual de Campinas. Campinas: SP: 2011.

KLEIN, Monica M. **Reduzir a jornada para ajudar no planeta**: reflexões sobre o uso do tempo, consumo e meio ambiente. 1ed. São Paulo: Matrix, 2014.

LAURENTINO, A. L. **Idea:** um modelo de gestão do design aplicado à produção de artefatos. 2017.Tese (Doutorado em Design) - Universidade Federal de Pernambuco. Recife: 2017.

LIMA, R. G. E. Entrevista: artesanato em debate. [Entrevista cedida a] Paulo Keller. **Revista de Pós Ciências Sociais**, São Luís-MA, v.8, n.15, p.1-29, 2011.

LIMA, Ricardo. **Artesanato:** cinto pontos para discussão. Palestra Artesanato Solidário/ Central Artesol 2005. Disponível em. http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/Artesanato\_\_Cinco\_Pontos\_para\_Discussao.pdf. Acesso em: 12. mai.2018.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. Ridendo Castigat Mores,1875.

MARX, Karl. **O capital:** crítica da economia política. 29. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

MATSUSAKI, Bianca do Carmo. **Trajetória de uma tradição: renda de bilros e seus enredos**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências). Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo: 2016.

MELLO, Carolina Iuva de. **Território feito à mão:** artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul. 2016. Tese (Doutorado em Extensão Rural) -Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria- RS: 2016.

MILLS, Wright. O ideal do artesanato. In: Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios.Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MINISTÉRIO DO TRABALHO - EMBRATUR. Anais do 1ª Encontro Nacional de Artesanato. 1975, Brasília- DF. [ **Anais**]. Brasília- DF: Ministério Do Trabalho- EBRATUR, 1975.

OLIVEIRA, Carlos Roberto de. **História do trabalho**. 5ed. São Paulo: Ática., 2006.

PINTO, Geraldo Augusto. **A organização do trabalho no século 20:** taylorismo, fordismo e toyotismo. São Paulo: Expressão Popular .1 ed. 2007.

RHODEN, I; LOPES, M.R.R; PINHEIRO, A.D.G; MARTINS, J.C.O. Qualidade subjetivas do trabalho do artesão: um estudo sob a perspectiva das experiencias de ócio. **Psicologia em Revista,** Belo Horizonte, v. 23, n.1, p.471-487, jan.2017.

RORIZ, Priscila Carvalho de oliveira. **O trabalho do artesão e suas interfaces culturais- econômicas**.2010.Dissertação (Mestrado em Psicologia Social). Universidade de Brasília, Brasília- DF: 2010.

RUGIU, Antônio Santoni. **Nostalgia do mestre artesã**. Campinas- SP: Autores Associados, 1998.

SANTOS, C. P. Trabalho, controle e subordinação: o taylorismo-fordismo como modo de organização da autoridade do capital no século xx. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais**, Juiz de Fora, a. 8, ed. 19, p.106-120, jan./jun.,2015. Disponível em: https://periodicos.ufjf.br/index.php/csonline/article/view/17378. Acesso em: 01.jun.2019.

SENNETT, R. **O artífice.** Rio de Janeiro: Record, 2009.

SEVERINO**,** Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho cientifico**. 24º ed.São Paulo :Cortez, 2016.

1. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Maranhão. Bacharel em Administração pela Universidade Federal do Maranhão (2016). E-mail: katyusciamendes@hotmail.com. [↑](#footnote-ref-1)
2. Nas primeiras corporações de ofícios eram compostas e representadas por tecelões, ferreiros, pedreiros entre outros (KLEIN, 2014). [↑](#footnote-ref-2)
3. Na Idade Média não havia leis sobre patentes e as corporações, ansiosas de manter o monopólio, preocupavam naturalmente em ocultar seus segredos artesanais (HUBERMAN,2012, p.44). [↑](#footnote-ref-3)
4. Pode-se dizer que Ruskin foi um dos primeiros defensores da “qualidade total” na indústria; porém durante muitos anos, as suas ideias foram rechaçadas como utópicas, românticas e situadas na contramão da evolução industrial, principalmente pela sua atitude de desconfiança em relação a mecanização (DENIS,2004, p.71) [↑](#footnote-ref-4)
5. Organização não governamental filiada à UNESCO que promove a irmandade e o desenvolvimento econômico das atividades relacionadas ao artesanato, por meio de programas de intercâmbio, oficinas, conferências, seminários e exposições em geral, oferecendo incentivo e aconselhamento aos artesãos do mundo (WWW,2019, tradução nossa). [↑](#footnote-ref-5)
6. Lima faz uma crítica ao designer no Brasil no que diz respeito a resistência desse público em assumir a tradicionalidade do produto artesanal, que é própria do artesão, condicionando o sucesso mercadológico do produto artesanal à criação do novo que se refere as tendências de um mercado dominado por determinada classe. [↑](#footnote-ref-6)